

O TRABALHO E A CONSTANTE PRODUÇÃO DO NOVO A PARTIR DA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

Work And The Constant Production Of The New From The Man-Nature Relationship

Milena Pellissari Bedim¹



<https://orcid.org/0000-0003-1219-866X>



RESUMO

Entendemos o trabalho como uma ação de transformação da natureza para o atendimento de necessidades reais, um processo entre o homem e natureza, que por sua própria ação media, controla, regula seu organismo com a natureza. Portanto, é uma forma de humanização do homem e toda atividade que pertence exclusivamente ao homem se objetiva como práxis social e espacial. Por este motivo afirmamos que tanto o ser social quanto a Geografia se iniciam e evoluem nas práticas espaciais. Assim, este artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo no âmbito educacional entre a categoria trabalho – a partir da Ontologia do Ser Social de Lukács – e a Ciência Geográfica enquanto um processo de autoconstrução humana. Acreditamos que, o trabalho é o intercâmbio orgânico entre sociedade e natureza para a produção dos meios de subsistência. Esses atos de trabalho são a principal mediação para que essas relações se desenvolvam no chamado espaço geográfico, fazendo com que até hoje surjam novas dimensões da vida social que se inter-relacionam entre si.

Palavras-chave: Trabalho; Relação Homem-Natureza; Espaço Geográfico; Produção do Novo.

ABSTRACT

We understand work as an action to transform nature to meet real needs, a process between man and nature, which by its own mediation, controls, regulates its organism with nature. Therefore, it is a form of humanization of man and every activity that belongs exclusively to man is objectified as social and spatial praxis. For this reason, we affirm that both the social being and Geography begin and evolve in spatial practices. Thus, this article aims to establish a dialogue in the educational field

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da Rede Básica de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. E-mail: m.p.b_milena@hotmail.com

between the work category – based on Lukács's Ontology of Social Being – and Geographical Science as a process of human self-construction. We believe that work is the organic exchange between society and nature for the production of means of subsistence. These acts of work are the main mediation for these relationships to develop in the so-called geographic space, causing new dimensions of social life to emerge that interrelate with each other.

Keywords: Work; Man-Nature Relationship; Geographic space; New Production.

Introdução

Por meio deste artigo, de forma introdutória, procuramos estabelecer um diálogo no âmbito educacional entre a categoria trabalho – a partir da perspectiva ontológica instaurada por Marx e desenvolvida por Lukács – e a Ciência Geográfica, demonstrando que a Geografia é um complexo social ontológico, ou seja, que acompanha a humanidade desde seus primórdios e, também, se configura num ramo das ciências. A base para esse entendimento é compreender o processo de autoconstrução humana. Para tanto, entendemos que o trabalho é a categoria que funda o ser social e que as demais mediações humanas são construídas pelo movimento do ser social na sua vida cotidiana. Assim, a partir do trabalho surgem novas categorias que se inter-relacionam entre si, incluindo a Geografia.

116

A primeira sessão relaciona a categoria trabalho à transformação da natureza e conseqüentemente à gênese da Geografia. A ontologia do ser social parte da análise concreta da realidade, onde a relação entre natureza inorgânica, que não dispõe de propriedades para se reproduzir (ar, pressão atmosférica, etc.) e a natureza orgânica, que dispõe de propriedades para se reproduzir (animais e vegetais) é indispensável para pensar na evolução do ser social. Portanto, a natureza inorgânica e a natureza orgânica constituem as condições concretas para o caminho da evolução. A diferença existente entre animais e homens se dá na essência do trabalho humano, onde todos os estágios evolutivos do ser social são produtos da autoatividade do homem e se dão no interior de uma relação complexa e contraditória com a objetividade social.

O trabalho é um processo entre o homem e natureza, que por sua própria ação media, controla, regula seu organismo com a natureza, é, portanto, uma forma de humanização do homem e toda atividade que pertence exclusivamente ao homem se objetiva como práxis social e espacial. Por este

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 5, p.115-128, jan/dez 2023.

motivo afirmamos que tanto o ser social quanto a Geografia se iniciam e evoluem nas práticas espaciais.

Sendo o trabalho uma ação de transformação da natureza para o atendimento de necessidades reais, a partir do momento em que os seres humanos iniciam seus atos de trabalho surgem dimensões sociais inteiramente novas, dentre elas a educação. Porque é necessária a sistematização e a transmissão de todo o conhecimento produzido e acumulado ao longo da história humana. Assim, a segunda sessão deste artigo trata sobre a Ciência Geográfica enquanto processo de autoconstrução humana. Concordamos com Rossi (no prelo) que a particularidade da ciência geográfica está em traduzir a essência do processo de produção e reprodução do espaço geográfico em suas distintas manifestações, bem como compreender que a geografia se relaciona com todas as dimensões da vida em sociedade, seja o trabalho, a educação, a arte, a filosofia, a política, etc.

Nas considerações finais reforçamos nosso entendimento sobre o trabalho enquanto categoria fundante do ser social, da educação e da ciência geográfica. Ou seja, consideramos que a Geografia é sempre a produção e reprodução do espaço. Onde o trabalho é o intercâmbio orgânico entre sociedade e natureza para a produção dos meios de subsistência, esses atos de trabalho são a principal mediação para que essas relações se desenvolvam no chamado espaço geográfico. E nesse cenário é de suma importância para o desenvolvimento humano a transmissão, por meio da educação, dos conhecimentos produzidos no âmbito da ciência geográfica.

117

Trabalho como Práxis Social

As principais ideias contidas nesta primeira sessão são provenientes da análise imanente realizada a partir do texto *Il Lavoro*, tópico II, primeiro capítulo do segundo tomo da *Ontologia do Ser Social* de Lukács, traduzida por Ivo Tonet. Desta forma, trata o trabalho como modelo da práxis social. Nesse sentido, partimos da categoria Trabalho porque nossa análise é histórica, e compreender o processo histórico real do desenvolvimento humano perpassa pelo entendimento de que a espécie humana se humaniza a priori pelos atos de trabalho. Consideramos que todo esse conhecimento acumulado e transmitido tem sua origem na categoria trabalho, a atividade vital dos

seres humanos distinguiu-se de outras espécies vivas por ser uma atividade consciente que resulta em produtos e passa a ter funções específicas pela prática social.

Lukács enfatiza que o trabalho enquanto categoria fundante do ser social é também modelo de práxis social, a partir desse traço essencial do trabalho o homem desenvolve a consciência e formas mais evoluídas de atividades sociais e distingue o trabalho primário das formas mais evoluídas da práxis social: o pôr teleológico primário que visa diretamente um objeto da natureza e/ou a transformação da natureza e o pôr teleológico secundário que antes de se transformar a natureza, dirige-se a consciência dos sujeitos, tentando induzi-los a assumir determinadas decisões e comportamentos, para depois alcançar a mudança da materialidade. Ou seja, os pores teleológicos secundários prevalecem nas formas superiores das práticas sociais, pois neles não se visa diretamente uma transformação da natureza, mas sim, em primeiro lugar a consciência dos homens, fazendo com que assumam decisões, ideias e comportamentos que provoquem as intervenções necessárias na natureza. Por isso;

Devemos sublinhar que este processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto. (LEONTIEV, 2004, p. 286).

Consideramos que todo esse processo de sempre produzir o novo tem sua origem na categoria trabalho, a atividade vital dos seres humanos distinguiu-se de outras espécies vivas por ser uma atividade consciente que resulta em produtos e passa a ter funções específicas pela prática social (SAVIANI; DUARTE, 2012). Nesse sentido, “o trabalho, por criar a possibilidade do surgimento do ser social, se conforma no momento predominante da origem da totalidade social” (ROSSI, 2021, p. 93). Ou seja, os seres humanos se distinguem dos animais por possuírem a capacidade de transformar a natureza de modo intencional, implicando sempre na produção do novo. E quando os seres humanos iniciam atos de trabalho, forma-se uma articulação inteiramente nova entre a consciência e a realidade, onde;

A consciência precisará analisar e conhecer o mais corretamente possível os elementos da realidade natural, refletir sobre suas possíveis articulações, seus entraves e obstáculos e, a partir da ação objetiva, modificar efetivamente os elementos reais para atingir o objetivo traçado (ROSSI, no prelo, p. 07).

Para Lukács o ser social apresenta-se com o surgimento da espécie humana, consubstanciando um salto ontológico a cada nova relação, por exemplo, as necessidades do trabalho impulsionaram o desenvolvimento da linguagem e o homem é capaz de desenvolver atividades teleologicamente orientadas, objetivar-se material e idealmente, comunicar-se e expressar-se pela linguagem articulada, sendo que todas essas interações complexas estão intrinsecamente ligadas ao trabalho. Lukács argumenta que somente uma concepção ontológica do trabalho como complexo concreto e estruturado pode esclarecer o salto do ser orgânico ao ser social, logicamente este processo durou milhares de anos, configurando-se de forma contraditória e irregular. Leontiev (2004) deixa claro quando escreve;

[...] a experiência sócio-histórica da Humanidade se acumula sob a forma de fenômeno do mundo exterior objetivo. Este mundo, o da indústria, das ciências e da arte é a expressão da história verdadeira da natureza humana; é o saldo da sua transformação histórica. (LEONTIEV, 2004, p. 286).

Dessa forma Rossi (no prelo) também explica que é esse processo dinâmico de sempre produzir o novo que dá origem à história da humanidade, produção e substituição de diferentes modelos de sociedade: primitiva, antiga, escrava, feudal, capitalista, etc. Ou seja, a realidade da natureza passa a interagir com a realidade social através dos atos de trabalho. Também, para Lukács, quanto maior a sociabilidade do ser, maiores serão as formas superiores da prática social. Assim, antes de se transformar a natureza, visa-se a consciência dos sujeitos, fazendo com que assumam decisões e comportamentos para se chegar à mudança da materialidade. Desta forma, nem todos os atos humanos se dirigem diretamente aos atos de trabalho, é possível uma reprodução social com outros tipos de ação, porém, sem trabalho as diversas formas de atividades humanas não existiriam. Pois, para o trabalho o essencial é compreender corretamente um fenômeno natural concreto.

Por meio do trabalho, o ser humano incorpora, de forma historicamente universalizadora, a natureza ao campo dos fenômenos sociais. Nesse processo as necessidades humanas se ampliam, ultrapassando o nível das necessidades de sobrevivência e surgindo necessidades propriamente sociais (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 21).

Ora, o *ser-em-si* da natureza é indiferente às necessidades da sociedade, mas quando o ser social eleva sua consciência não pode ficar indiferente a nenhuma práxis social. A relação teoria e prática, na sua forma concreta, são influenciadas pelas representações que o homem tem da natureza, dos reflexos que o homem tem da realidade. Ademais, Lukács argumenta que o trabalho é

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 5, p.115-128, jan/dez 2023.

a forma fundamental que constitui a práxis social. Por isso não se pode analisar de forma vulgar as marcas específicas do trabalho com as formas mais avançadas da práxis social. Porque o trabalho determina materialmente a relação entre o ambiente orgânico e inorgânico e as práxis sociais mais avançadas já pressupõem este fundamento na reprodução do homem na sociedade. E este é o caráter dialético do trabalho como modelo da práxis social, pois as formas mais evoluídas de práxis apresentam muitos desvios em relação ao próprio trabalho.

Porque sendo o trabalho a atividade vital humana, é a partir dele que a essência do gênero humano formado historicamente, pode transformar-se em riqueza da individualidade. Porém, não podemos esquecer que inseridos num sistema econômico-capitalista, o trabalho enquanto atividade intrínseca à formação, desenvolvimento e satisfação humanos, passa a ser um meio de satisfação de necessidades externas. O trabalhador vende sua atividade em troca de um salário para assegurar sua sobrevivência.

[...] para poder continuar a viver, o trabalhador deve vender uma parte de sua vida e, mais do que isso, vender a parte mais importante de sua vida, que é a atividade por meio da qual ele poderia formar-se, fazendo da essência humana, isto é, das potências essenciais humanas formadas historicamente, a essência de sua individualidade (SAVIANI; DUARTE, 2012, p.27, grifo nosso).

120

Deste modo, para Lukács, é correto afirmar no âmbito estritamente ontológico que a práxis é sempre determinada por relações sociais. Atualmente, considerando o alto grau de desenvolvimento das ciências poderíamos alcançar objetivamente uma ontologia correta, este fato não ocorre porque o fundamento das ontologias fictícias no campo da ciência se constitui para atender as necessidades sociais dominantes, seja através da manipulação ou dos dogmas religiosos, amparados por teorias científicas modernas como o neopositivismo.

Com efeito, a crítica se faz estritamente necessária. Tanto na meta de conhecer o mais objetivamente possível os processos cotidianos quanto na meta de conhecer o mais objetivamente possível os fundamentos das ciências e da filosofia. Por esse motivo, a crítica deve ser pautada ontologicamente, fundada e orientada pela totalidade social. Por isso, Lukács argumenta que só é possível fazer um uso correto da práxis como critério da teoria quando levado em consideração o desenvolvimento tão desigual da nossa sociedade. A crítica ontológica consciente parte da

diferenciação entre as classes sociais e das interrelações dos modos de comportamento que dela derivam.

Sem dúvidas, para Lukács, pelo Trabalho surgem novas dimensões sociais que se configuram através dos saltos ontológicos, ou seja, através da mudança no comportamento do sujeito da esfera do ser biológico ao social. Entre um salto ontológico e outro podem existir lapsos temporais muito prolongados e a abordagem idealista se limita a analisar somente os modos de manifestação mais evoluídos. Dessa forma, são evidenciadas as práxis sociais mais afastadas da relação orgânica da sociedade com a natureza. Ao considerar apenas tais formas, não se analisa as mediações que unem as formas originárias às mais complexas, ignorando que as formas mais complexas da práxis social são produtos ontológicos das formas originárias.

A práxis aparece como categoria que permite apreender toda a virtude e evolução do ser social em um conjunto de objetivações humanas, que se expressam em objetivações primárias – aquelas estabelecidas pelo trabalho na relação do homem com a natureza – mas também, em objetivações secundárias materiais e ideais da ciência – aquelas estabelecidas pela arte, filosofia, política, ética, entre outros – que expressam a relação dos homens com os outros homens. Essas formas de práxis se realizam na atuação do homem sobre si e a objetivação humana pela práxis está, portanto, relacionada às relações histórico-sociais.

O autor afirma que toda sociedade, independentemente do seu grau de consciência, necessita ordenar a práxis coletiva dentro de parâmetros compatíveis com a sua reprodução, por isso é preciso que essa prática confira cotidianamente sentido à ação de cada indivíduo dentro desta sociedade e que existem concepções cientificamente fundadas pelo viés ontológico e outras apenas amparadas no ser social. O sucesso do trabalho depende do não conhecimento do que é realmente-existente e isso exige a articulação entre a objetividade científica e a subjetividade do gênero humano. Nesse ponto encontra-se a distância entre a correta manipulação do real nas ações cotidianas e o conhecimento científico. Por esse motivo, existem teorias que em determinados momentos históricos auxiliaram no desenvolvimento humano e destarte em entrave, e vice-versa.

É possível compreender, até o presente momento, que a categoria fundante do ser social é o trabalho. Entretanto, os autores supracitados também ressaltam que a realidade social não é somente

trabalho, a vida humana é formada por uma totalidade e essa totalidade é a síntese que resulta das várias interações entre as diferentes dimensões sociais, como a educação, a arte, a ciência, a geografia, etc., “é sempre a totalidade social que coloca o campo de limites e de possibilidades para os seres humanos atuarem” (ROSSI, no prelo, p. 05). Para Rossi a totalidade sempre guarda traços históricos das sociedades passadas e apresenta no presente as possibilidades de construção do futuro. É pensando nessas contribuições que pretendemos na próxima sessão nos aproximar da Geografia a partir da práxis social, suas transformações, conflitos e contradições.

O Trabalho como Categoria Fundante da Ciência Geográfica

Até o momento, vimos a partir de uma perspectiva ontológica, que o homem com seus atos de trabalho se desenvolve e se humaniza. Esse desenvolvimento se dá também espacialmente. Se é pelo trabalho que se desenvolvem todas as demais dimensões da vida humana, consequentemente a ciência geográfica parte deste mesmo pressuposto, simplesmente porque a Geografia faz parte da vida humana. Todos os dias realizamos nossos trajetos geográficos: de casa para a escola, da escola para o trabalho ou do trabalho para casa. A Geografia é posta na intimidade de nossas condições de existência. Isso porque tanto o ser social quanto a Geografia se iniciam e evoluem nas práticas espaciais.

122

O homem não se adapta à natureza, ele a transforma, e essa transformação se dá pelo trabalho. É nesse movimento de transformação da natureza que o homem vai estabelecendo conexões para a formação do espaço geográfico e com ele a geografia enquanto ciência.

Considerando que a Geografia é a produção e reprodução do espaço, onde o trabalho é o intercâmbio orgânico entre sociedade e natureza para a produção dos meios de subsistência, veremos que os atos de trabalho são a principal mediação para que essas relações se desenvolvam no chamado espaço geográfico. Assim, pautada na vertente ontológica e na transmissão e assimilação do que há de mais elaborado no âmbito do conhecimento científico, a Geografia através de seus conteúdos pode articular e reconstituir o processo de autoconstrução humana centrada na dinâmica histórica real, permitindo uma articulação dos conceitos com o cotidiano.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 5, p.115-128, jan/dez 2023.

Sem uma prévia organização social e espacial o homem não conseguiria desenvolver uma atividade social e o uso consciente dos instrumentos de trabalho. Tudo que o homem constrói com seus atos de trabalho perpassa primeiramente na sua imaginação, idealmente, para depois perpassar a objetivação, a concretização do objeto idealizado. Desde um martelo, casas, prédios, avenidas, carros ou aviões, tudo foi primeiro idealizado na imaginação humana para depois se transformar em objetos reais, tal qual o conhecemos e utilizamos. Rossi (2021), nos mostra que;

1) a consciência é indispensável e, de fato possui um papel ativo na produção da vida em sociedade; 2) a consciência possui uma autonomia relativa frente à objetividade, isto é, ela deve refletir, pensar em articulações e vínculos a partir dos elementos presentes na própria realidade, caso contrário a finalidade previamente traçada não poderá ser objetivada e; 3) o campo de possibilidades para a consciência atuar cabe à objetividade (ROSSI, 2021, p. 20).

Nesse sentido, concordamos com Rossi (no prelo) quando cita que a geografia é tanto uma dimensão que acompanha a humanidade ao longo da sua história, quanto uma ciência social. A geografia ganha o seu *status* e dimensão social através dos atos de trabalho humanos e da modificação da natureza.

123

Ao delimitar um local para enterrar os mortos, um local para plantar, um local para a criação de animais, um local para o desenvolvimento dos rituais religiosos, etc. a humanidade está produzindo a sua própria existência social e, ao mesmo tempo, está *geografizando* a natureza. Uma área ocupada pelos seres humanos não será tão somente uma área natural, mas, cada vez mais, se desenvolverá enquanto um *espaço geográfico*. **A função da dimensão social geográfica é a produção e reprodução ininterrupta do espaço geográfico com todos os seus lugares, regiões e territórios** (ROSSI, no prelo, p. 04, grifo nosso).

A partir do trabalho não só a natureza é transformada, porque após os atos de trabalho novos conhecimentos, novas técnicas, novas habilidades e novos valores são criados, a incessante produção do novo gera novas necessidades e novas possibilidades. Temos como resultado;

[...] sociedades mais complexas, um espaço geográfico mais dinâmico e inter-relacionado, maior desenvolvimento das forças produtivas (técnica, ciência, tecnologia e capacidade humana) e menor gasto de energia para a transformação da natureza. Essa é a marca indelével da reprodução social. O espaço geográfico produzido desde os primórdios surge, portanto, em função da capacidade humana em efetivar atos de trabalho e isto significa que a práxis geográfica deve sua existência à articulação nova entre consciência e realidade objetiva que se origina com o trabalho [...] (ROSSI, 2021, p. 21).

Precisamos ressaltar que tanto a realidade da natureza quanto a realidade social são formadas por uma totalidade. Rossi (no prelo) explica que essa totalidade é a síntese que resulta das várias interações entre as dimensões sociais – educação, arte, filosofia, política, etc – e que é sempre a totalidade social que coloca os limites e as possibilidades para os seres humanos atuarem e avançarem no espaço geográfico. Sendo a geografia uma ciência social que interage com todas as demais dimensões da vida em sociedade, todas as possibilidades e limites para o desenvolvimento da mesma são colocados pela totalidade social que estivermos analisando.

Nesse sentido, pensemos quais as possibilidades e limites colocados pelo modo de produção capitalista quanto à produção e reprodução do espaço a partir da transformação da natureza, ou seja, a partir dos atos de trabalho? Atualmente, vê-se uma emergência nas questões relacionadas ao meio ambiente associadas a fatores econômicos, políticos e culturais. É indiscutível a evolução da produção e reprodução do espaço com o advento do capitalismo, mas é passível de reflexão também, os desdobramentos deste processo, suas transformações, continuidades, rupturas, conflitos e contradições. A Geografia, enquanto complexo social, também é perpassada por uma contradição.

124

A princípio, a ciência geográfica atual é um produto da universidade e existe uma coerência lógica para isso: a necessidade da criação universitária está ligada às necessidades da divisão industrial do trabalho; a especialização da indústria dá origem à especialização do trabalho e a especialização do trabalho dá origem à forma da profissão. É essa a lógica que sistematiza a teoria e os métodos da ciência acadêmica, e é a produção e o mercado que referenda ou não essas teorias como formas de saber (MOREIRA, 2014).

Nesse processo de produção e reprodução do espaço, encontra-se um desafio, a formação teórico-epistemológica da Geografia é fragmentada. Moreira (2014) afirma que quando se põe homem e natureza em relação entre si já partindo do pressuposto de partes que pela soma formam um todo, não existe fim nem rumo. E a Geografia fragmentária assume a noção equivocada de que o mundo é um todo formado por suas partes.

A partir de uma Geografia fragmentada, estuda-se a) a natureza através das atividades práticas de produção econômica; b) o homem pela vertente demográfica, pela vertente de demanda de consumo dos recursos naturais e pela oferta de mão de obra e c) a economia como ponto de chegada

aos estudos relacionados à natureza, homem e meio (MOREIRA, 2012, p. 37). Entretanto, a Geografia precisa ser vista através da totalidade social, que é “sempre o resultado qualitativo, ou seja, a malha de mediações entre os complexos sociais em suas mais variadas relações” (ROSSI, 2021, p. 71). A grande questão é transformar toda a prática, percepção e senso comum do saber espacial advindo do cotidiano da vida em conhecimento científico, elaborado e sistematizado, considerando o potencial ontológico da ciência geográfica.

Importante ressaltar que, atualmente nossa totalidade social se configura com a consolidação do sistema capitalista e a evolução das revoluções industriais que incorporaram espaços mundiais a partir de fabricação industrial, domínio de fontes de recursos naturais, valores culturais, territórios e povos, criando novos hábitos de consumo em detrimento do progresso humano e social.

Por exemplo, ao mesmo tempo em que alcançamos um nível tecnológico capaz de suprimir/diminuir o uso de defensivos agrícolas, nunca se viu na história humana um aumento tão grande da utilização dos mesmos, segundo a Embrapa (2021) atualmente são usados no mundo aproximadamente 2,5 milhões de toneladas de agrotóxicos. O consumo anual de agrotóxicos no Brasil tem sido superior a 300 mil toneladas de produtos comerciais.

125

Ou ainda, alcançamos um nível tecnológico capaz de reduzir ou erradicar a fome global, porém, ainda vemos uma alta mortalidade por conta da escassez de alimentos. De acordo com o relatório publicado em 2022 pela FAO, estima-se que, no ano de 2021, o número de pessoas que enfrentaram a fome foi entre 702 e 828 milhões, um aumento de, aproximadamente, 46 milhões de pessoas de um ano para outro, totalizando cerca de 9,8% da população mundial.

Quanto às questões ambientais, há o aumento do desmatamento e poluição atmosférica, segundo a OMS (2022) quase toda a população do mundo (99%) respira ar que excede os limites de qualidade recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o que ameaça a sua saúde. Um número recorde de mais de 6 mil cidades em 117 países está monitorando a qualidade do ar, mas as pessoas que vivem nelas ainda respiram níveis insalubres de material particulado fino e dióxido de nitrogênio, com pessoas em países de baixa e média renda sofrendo as maiores exposições.

Seja como complexo social, seja como ciência, o que precisa estar claro é que “a geografia conforma uma totalidade própria e, ao mesmo tempo, interage com a totalidade consubstanciada pelo conjunto da sociedade em suas múltiplas determinações” (ROSSI, 2021, p. 72). Tendo a geografia seu fundamento ontológico no trabalho, se relacionando com todas as dimensões da vida em sociedade, e sendo uma ciência social que acompanha a humanidade produzindo e reproduzindo o espaço, possui suporte científico para compreender a totalidade social de forma viva e dinâmica.

A geografia enquanto complexo social nos possibilita a emancipação humana, deve servir principalmente como base para a formação crítica da sociedade. Não deve servir aos grandes monopólios industriais, aos políticos e militares, mas sim, à classe trabalhadora, para que a mesma tenha condições de se perceber enquanto classe explorada e reflita sob sua condição e manutenção ou não da mesma. E no âmbito escolar, a geografia serve como forma e conteúdo para desvelar a essência dos modos de vida da nossa sociedade, para ir além da aparência, daquilo que nossa percepção da vida cotidiana nos oferece. Partimos do cotidiano, porém, a finalidade de toda práxis social é sempre desenvolver os conteúdos mais elaborados. Na ciência geográfica esses conteúdos levam em consideração a integração do espaço geográfico à práxis social.

126

Considerações Finais

Por meio deste artigo evidenciamos que o trabalho é categoria fundante do ser social, e quando falamos em trabalho estamos nos referindo a forma mais genuína de trabalho que é o ato de agir sobre a natureza transformando-a a partir de necessidades reais. Mas além disso, a intenção foi a de evidenciar também que a geografia enquanto ciência nasce a partir do momento em que os homens começam a trabalhar modificando a natureza. Essa transformação a partir dos atos de trabalho é constante, ininterrupta e ainda hoje é a chave que impulsiona as ações humanas no espaço, independentemente do seu grau de desenvolvimento social, econômico ou tecnológico.

Concordamos com Saviani (2007) quando explica que a existência humana não é garantida pela natureza, ela necessita ser produzida pelos próprios homens, como um produto do trabalho, daí a afirmação de que o homem não nasce homem, ele forma-se homem. Não nascemos sabendo produzir, precisamos ao longo de nossa história produzir nossa própria existência. E produzimos

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 5, p.115-128, jan/dez 2023.

nossa existência levando em consideração a produção e reprodução do espaço geográfico. Ou seja, a origem da formação/produção do homem coincide com a formação/produção do seu espaço. Por isso compreendemos a geografia como processo de autoconstrução humana e enquanto ciência social.

Por fim, compreendemos que a) o trabalho é um fenômeno próprio dos seres humanos; b) o homem não nasce homem, ele forma-se homem produzindo a sua própria existência, ou seja, o trabalho é uma forma de humanização do homem; c) para compreender o processo de autoconstrução humana da geografia partimos da categoria trabalho, porque o homem transforma a natureza até hoje para atender necessidades reais e com isso produzir e reproduzir o espaço geográfico e; d) a geografia tendo seu fundamento ontológico no trabalho, se relaciona com todas as demais dimensões da vida humana e por esse motivo se mostra eficaz para compreender a totalidade social de forma dinâmica, considerando suas contradições, conflitos, rupturas e continuidades.

127

Referências

EMBRAPA - Agricultura e Meio Ambiente. Agrotóxicos no Brasil. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agricultura-e-meio-ambiente/qualidade/dinamica/agrotoxicos-no-brasil#:~:text=Anualmente%20s%C3%A3o%20usados%20no%20mundo,mil%20toneladas%20de%20produtos%20comerciais>> Acessado em: Junho de 2023.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LUKÁCS, G. **II Lavoro**. In: Per una Ontologia dell'essere sociale. Roma: Riuniti, 1981, p. 11-131. (Tradução Mimeo.de Ivo Tonet, 145p.).

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Novos dados da OMS revelam que bilhões de pessoas ainda respiram ar insalubre. Disponível em < <https://www.paho.org/pt/noticias/4-4-2022-novos-dados-da-oms-revelam-que-bilhoes-pessoas-ainda-respiram-ar-insalubre>> Acessado em: Junho de 2023.

POLITIZE. Entenda o que é o mapa da fome e quais são seus objetivos. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mapa-da-fome>>
Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.24, n. 5, p.115-128, jan/dez 2023.

[fome/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20relat%C3%B3rio,%2C8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial>](#) Acessado em: Junho de 2023.

ROSSI, Rafael. **Espaço Geográfico: Ensino e Crítica**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021.

ROSSI, Rafael. **A Geografia na Pedagogia: Aproximações Iniciais**. Campo Grande, MS, no prelo.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas – SP: Autores Associados, 2012.

Recebido em: 23/08/2023

Aceito em: 04/10/2023

Publicado em: 13/11/2023

Total de Avaliadores: 02